

## Livia Natália

Poeta, doutora em Literatura e Professora Adjunta de Teoria da Literatura na Universidade Federal da Bahia. Autora dos livros *Água Negra* (Prêmio Banco Capital de Poesia/2010), *Correntezas e Outros Estudos Marinhos* (Ed. Ogum's Toques Negros, 2015) e *Água Negra e Outras Águas* (Caramurê, 2016). Única poeta baiana incluída na antologia *É agora como nunca* (Companhia das Letras, 2017), organizada por Adriana Calcanhoto. Seu próximo livro, *Dia bonito pra chover*, está no prelo.



## a partida

Para José Carlos Limeira  
*Se Palmares não vive mais*  
*Faremos Palmares de novo!*

Do dorso do poeta nascem borboletas.  
No seu peito, uma selva encantada.  
Que serão de suas mãos leves  
flutuando no nada?  
E seus olhos fechados,  
terrivelmente abertos para dentro  
como uma porta que batesse sem vento,  
como janelas silentes, mal-pintadas.

Que será de sua falta incrustada no vento,  
no tempo, nas horas desencantadas?  
E as musas vindouras, coitadas,  
não terão o dom de lhe fazer nascer,  
na língua,  
palavras.

O poeta se foi e agora caminha numa nuvem macia.  
Recita os poemas de boca calada,  
no puro gesto de ser estrela.  
O poeta se foi como o fogo, se queimando devorado.  
Foi-se, e no ar se move sua ausência crua.  
Foi-se, e as palavras permanecem vivas,  
como Baobás plantados na nossa alma.

[POEMA INÉDITO]

SELEÇÃO DA AUTORA DE POEMAS PUBLICADOS EM *CORRENTEZAS E OUTROS ESTUDOS MARINHOS* (OGUM'S TOQUES, 2015)

## freudiana

No mais fundo dos homens que amo  
há meu pai, com sua carne de maresias.  
Ele se desenha na pele dos meus homens  
como o mar inscreve, no peixe, as escamas.

(Todo corpo em que derivo absorta  
tem algo de sua voz pedregosa.)

Nas peles negras em que me banho  
flutua sua existência de maré:  
prenhe de naufrágios.

Aos pés destes timoneiros delicados  
que pensam singrar minhas águas  
sou a kianda-sereia,  
um coral espelhado,  
sou a ostra que se desmora em silêncio.

Sou a água eternamente translúcida.  
Precipício denso de onde estes peixes bebem  
- apenas -  
um silêncio delicado

## as mãos de minha mãe

As mãos de minha mãe são imensas  
e seguram seu corpo minúsculo  
como as chagas de cristo lhes se sustentam a santidade.

Nos dedos vincados de veias grossas,  
na curva que se enruca no mais preto das dobras  
as mãos de minha mãe perfazem os caminhos de meu  
mundo.

Se os búzios cantam nas palmas singradas de rotas negras  
é para predizer maresias e ondas dolentes em meu caminho.  
As mãos de minha mãe, cada vez mais idosas,  
guardam, em suas linhas, o segredo de nosso destino,  
elas se cruzam no ventre da espera, e nasce  
sempre feliz, sempre feminino.

## orisa didê

Arranca as percatas de seu cavalo  
e nele galopa com os pés no chão.  
Solta um grito que se espeta no alto  
e,  
repetido,  
saúda a terra com a majestade de sua presença.

Dança sem a calma das horas,  
pois seus braços se erguem para fora do tempo.

Caminha com sua carne de mito  
e, quando vai, não parte.  
Apenas se banha em seu próprio mistério.

## o caso do vestido

*De tempo e traça meu vestido me guarda.*

Adélia Prado

Meu corpo não respeita as estações.  
Chove grosso em cada dobra da cidade  
E eu trago comigo um vestido de verão intempestivo.

Meu corpo não cede e,  
vivo,  
arde no ligeiro das rendas,  
nas maresias que lambem o ar.

Meu corpo não cede.

E o vestido que me desveste neste calor temporão  
é todo bordado na minha pele:  
por dentro.

## meu caro amigo

Esta Nereide que te prende  
nas tramas dos seus lençóis,  
te devorou.

Ela te guarda no delgado  
de suas entranhas,  
e virastes navio submerso  
no negrume imenso.  
numa água violenta,  
mas sem procelas,  
só suas mãos dançando  
Sobre o mar de fios grossos.  
Onde estás tudo é bruto,  
bichos ocultos bebem de sua sombra.

A vida me atravessa e não posso te contar:  
que emagreci e cortei os cabelos,  
(eles agora crescem dobrando-se em cachos,  
como os teus, miúdos).  
Que estou mais forte.  
Que quase sei lutar.  
Que esta semana me achei grávida  
de um rebate falso.  
Que tenho chorado.  
E sou mesmo igual a ti: puro silêncio.

Enquanto esta Nereide penteia,  
com as mãos,  
os teus cabelos,  
Vou desaprendendo a cantar,  
achando o mundo menos belo,  
e todos os naufrágios que fiz de mim,  
pra te encontrar  
lambem as franjas das ondas  
por puro medo do profundo  
que há no mar.